

Richard Spruce

e a Divulgação da Flora Amazônica

ÁLVARO PESSÔA¹

Quem adentra o Jardim Botânico Nacional e toma à direita, em direção à região amazônica, tem seu passeio emoldurado por árvores cor de canela, em ambos os lados da aléa. Tronco liso e fusiforme, porte imponente e majestoso, ali estão os pés de "Pau Mulato" ou, cientificamente, os "*Enklyista spruceana*". Trata-se de uma das espécies amazonenses, com a qual a ciência homenageou Richard Spruce, pelos seus quase dezoito anos de pesquisa naquela região brasileira.

Quem era Richard Spruce e que estranho amor o prendia à amazônia? Spruce era um homem pobre. Um cidadão da região de Yorkshire, na Inglaterra, de profissão mestre-escola e botânico autodidata. Desde menino, nas idas para a escola, Spruce cultivava a mania singular de catalogar as plantas que encontrava, com especial carinho os líquens. Tendo nascido em 1817 e falecido em 1893, defrontara-se com um mundo completamente diferente dos pesquisadores do século anterior. Quando ele nasceu, efetivamente o mundo havia mudado bastante. Os efeitos científicos do século XVIII estiveram ligados à fortuna pessoal. La Condamine era rico. Os pais de Darwin idem. O Barão Humboldt gastara metade da fortuna (que não era pequena) em suas expedições. - Spruce, porém, era muito pobre, com seu magro salário de mestre-escola. Mas Spruce sonhava com a amazônia

Quem começara a descrever e catalogar as plantas da região fora Aimé Bonpland, que Humboldt trouxera como companheiro de expedições. Mas Bonpland era um homem de pouca sorte e grande parte do produto de sua pesquisa se perdera em um naufrágio, inclusive a parte relativa às orquídeáceas. O botânico identificara gêneros e diversas espécies de orquídeas, entre elas a nossa "*Cattleya violacea*". Este infortúnio ocasionou a perda momentânea do equilíbrio mental de Bonpland, que teve de regressar à Europa.

Richard Spruce lia as poucas publicações de Bonpland sobre a amazônia e sonhava com viagens aparentemente impossíveis. Ocorre que os eleitos da sorte e do talento acabam, quase sempre, alcançando os altiplanos da existência e um dia apareceu a oportunidade de Spruce. Seus artigos publicados na revista técnica "PHYTOLOGIST" chamaram a atenção dos administradores de Kew Gardens e Spruce largou o ofício de mestre-escola para consagrar-se na botânica. Ao invés da amazônia, mandaram-no pesquisar a região dos Pirineus! Mas é ali que ele granjeia fama e prestígio.

No dia 7 de junho de 1849, Spruce afinal embarca para o Brasil e, em julho, já está em Belém, dali partindo para Manaus. Para financiar a expedição assinara contrato com onze museus europeus, de sorte que, de cada espécie de planta, necessitava de onze exemplares. Um para cada patrocinador.

Imaginem, se puderem, dizia sua primeira carta para Kew Gardens: - 5.000.000 de quilômetros quadrados de florestas! Nestas florestas, Spruce viveu quase 20 anos. Quase morreu de malária e foi assaltado e saqueado por seus próprios empregados. Mas sobreviveu, deixando impressionante legado.

¹R. Uruguai, 508/102, Tijuca, Rio de Janeiro.

Spruce era um botânico meticuloso e cuidadoso. Anotava o nome indígena de cada planta, experimentava ele mesmo as infusões de casca ou flores, quando os índios falavam sobre suas propriedades medicinais e enviava tudo por mar e para melhor exame, em Kew Gardens. Desta forma é que, experimentando uma bebida indígena, que "dava força ao guerreiro" descobriu uma trepadeira ornamental, a "*Banisteria caapi*", que possui um narcótico contendo alcalóides de fenol, posteriormente usado como anestésico, em toda a Europa. Nesta mesma linha, Spruce identificou, colheu e transportou para serem plantadas nas possessões inglesas da Malásia, a árvore que produz o quinino, a "chinchona".

Após oito anos, 4.000 milhas de viagens fluviais e 20.000 espécies classificadas, Spruce estava ansioso por ver europeus, rever cenário urbano civilizado e regressou a Manaus. A cidade era agora um novo mundo! A febre da borracha e a exploração da "*Hevea brasiliensis*" transformara a cidade num burburinho. Esta febre ia durar até 1900, quando o roubo das sementes das árvores da borracha brasileira, por Henry Wickham, dá a Inglaterra a supremacia da produção da borracha na Malásia.

A despeito de seu intenso trabalho, Spruce nunca ficou tão famoso e conhecido como Darwin e Humboldt. Aquele que abriu o mundo da ciência a selva amazônica, não recebeu honrarias, nem foi sepultado, como Darwin, na Abadia de Westminster. Voltou à Inglaterra, mas voltou como saiu, sem recursos financeiros.

Spruce viveu ainda os últimos dezessete anos de sua vida, no seu nativo Yorkshire, morando numa casinha de um só cômodo. Ali, vez por outra, recebia visitas de outros exploradores e botânicos e, em especial, de Darwin, levando vida modesta e recatada. Suas glórias e suas conquistas não se podem, porém, medir em termos materiais. Spruce, como os homens de ciência de seu tempo, ainda que à custa de dificuldades, conseguira superar os obstáculos e concretizar seu sonho de infância: divulgar ao mundo a flora do Amazonas.

FLORABELA

— ORQUÍDEAS Nativas do Estado do ESPÍRITO SANTO

ÉRICO DE FREITAS MACHADO

CAIXA POSTAL 841 - CEP 29.001 - VITÓRIA - ES